



VIGGO MORTENSEN REDA KATEB

LONGE DOS HOMENS

LOIN DES HOMMES

UM FILME DE
DAVID OELHOFFEN





SINOPSE CURTA

Argélia, 1954. Enquanto a revolta ribomba no vale, dois homens muito diferentes, reunidos por um mundo em convulsão, são obrigados a fugir em conjunto pelas montanhas do Atlas.

SINOPSE LONGA

Argélia, 1954. Enquanto a revolta ribomba no vale, dois homens muito diferentes, reunidos por um mundo em convulsão, são obrigados a fugir em conjunto pelas montanhas do Atlas. A meio de um inverno gelado, Daru, o professor solitário, tem de escoltar Mohamed, um aldeão acusado de homicídio. Perseguidos por homens a cavalo que procuram justiça sumária e colonos vingativos, os dois homens decidem enfrentar o desconhecido. Juntos, lutam para obter a sua liberdade.



DECLARAÇÃO DO REALIZADOR

Desde a primeira leitura do conto de Camus, *L'hôte*, visualizei um *western*. Um *western* não convencional, é certo, impregnado de história europeia e tendo como fundo as terras altas do norte de África, mas ainda assim um *western*. Fiel aos códigos, há colonizadores e colonizados, um prisioneiro a escoltar e uma trama que desagua em violência. No centro da história e dos seus personagens encontra-se uma colisão entre dois sistemas jurídicos. Testemunhamos duas culturas e duas morais forçadas a coexistir pela história. Tinha sonhado com ir buscar o Viggo Mortensen. A sua singularidade encaixava perfeitamente no papel. Reda Kateb – misterioso, opaco e com os pés no chão – funcionava como contraponto perfeito. A paisagem desértica assume o papel de personagem, na história. Sob a luz radiante do norte de África, constituía uma companhia bela mas imprevisível para o filme.

L'hôte, de Albert Camus, é um texto formidável. Este conto de 13 páginas centra-se em uma noite e três personagens: Daru, professor; Balducci, polícia; e Mohamed, um jovem prisioneiro argelino que matou o primo. Surpreendido pelo começo de uma insurreição, o polícia passa o prisioneiro para as mãos de Daru, para que este, no dia seguinte, o possa levar até à vila mais próxima, onde poderá ser julgado pelo seu crime.

Daru é feliz, na sua escola, no planalto, isolado do mundo. Tenta salvar o jovem aldeão, apesar do seu crime, correndo o risco de comprometer o seu lugar e tudo o que tem de importante na vida, porque não pode consentir abandonar outro homem à morte. Daru acompanha-o e oferece-lhe a possibilidade de fugir, mas o prisioneiro acaba por decidir entregar-se. Ao regressar à escola, Daru encontra uma mensagem escrita no quadro preto acusando-o de entregar o árabe às autoridades e dizendo que irá pagar por isso.

Adaptar esta história ao cinema implicava dotar os personagens de mais substância e tornar a narrativa mais densa. Uma das formas de o fazer foi incluir o contexto argelino e o começo da

guerra. Mas a maior mudança foi alterar a natureza da relação entre Daru e o jovem argelino, que resultou num final claramente diferente para a história de Camus.

Eu afastei-me da letra do texto, mas sempre com a ideia de conservar o espírito de Camus, cujas preocupações me parecem muito actuais: preocupações acerca da humanidade, a denúncia da injustiça e, acima de tudo, a dificuldade do compromisso moral.

A trajectória de Daru é também a de um homem que quer salvar outro, apesar de ele ser um criminoso, mas eu queria intensificar a energia que Daru despende a convencer o prisioneiro a não obedecer à lei da sua comunidade, nem a entregar-se à igualmente injusta lei dos colonizadores. Também imaginei um personagem mais atormentado e maltratado do que no original, um homem que tinha vivido a guerra e que queria fugir à violência, um homem carregado de pesar, que o impele a abrigar-se da vida. E, por último, um homem com uma identidade dolorosa: filho de espanhóis, é um europeu e visto como tal pelos aldeões, mas não se esqueceu de que, uma geração antes, os seus pais andaluzes eram considerados “árabes”.

No caso de Mohamed, eu sobretudo não queria que o personagem fosse a figura do árabe perturbante, tão misterioso e opaco como na história original, mas antes um homem com as suas razões, a sua própria moral e que se abre gradualmente ao que Daru propõe – a possibilidade de agir por si, enquanto indivíduo.

Se Camus tinha dois homens hermeticamente fechados um ao outro, dois mundos estranhos inconciliáveis, eu procurei que se desenvolvesse um laço entre eles, uma espécie de entendimento, que acaba por ser o que os salva a ambos.

A história de Camus foi escrita em Julho de 1954, alguns meses antes do eclodir da Guerra da Argélia. É um texto escrito por um homem que sente que a guerra se avizinha, mas que não fala directamente sobre ela.

Ao adaptá-la, hoje, mais de 50 anos depois, queria mergulhar estes dois personagens no caos de uma guerra emergente (neste caso, logo após os ataques do “Dia de Todos os Santos vermelho”, em 1954) e imergi-los numa situação em que o instinto de sobrevivência toma primazia.



O percurso de Daru também se tornou no de um homem que abre os olhos para o mundo em que cresceu e que, subitamente, sente a inutilidade da sua presença nesta escola isolada e a violência por vir. É tempo de ele partir, por razões que envolvem o curso pessoal e mais vasto da história.

Para salvar o jovem aldeão Mohamed, Daru sacrifica o seu lugar no planalto, mas não é um sacrifício cego. Graças ao jovem, abre-se qualquer coisa nele: uma vontade de viver, um desejo, uma necessidade de regressar ao mundo.

As imagens iniciais que me vieram à cabeça, inspiradas pela situação e paisagens da história, são as de um *western*: natureza vasta e hostil, perigo, tensão e homens oscilando entre dignidade e selvageria, dividindo-se entre um desejo de vida e um desejo de morte.

Também vi as figuras centrais do *western*: a do homem branco, trazendo a civilização ou a figura da lei, e o seu contraponto, o “selvagem” ou figura tribal. Isto leva a questionar a forma como vemos o outro, o forasteiro, o “selvagem”, o árabe, através dos mecanismos da ficção, acção, medo e emoção. O mito fundador escondido por trás de *LONGE DOS HOMENS* não é, obviamente, o mito americano da conquista do Oeste. Daru é professor, missionário, uma influência civilizadora. É também o portador de um mito, o do universalismo francês, da conquista do mundo pelos valores, com todas as contradições que isso acarreta – à semelhança do mito americano.

Em *LONGE DOS HOMENS*, vejo um filme mais próximo de um *western* humanista do que de um filme histórico, tendo como referência remota os *western* que, em vez de engrandecerem o mito, atacaram-no ou subverteram-no: os *western* pro-índios dos anos 1950, como *DEVIL’S DOORWAY* (*O CAMINHO DO DIABO*), de Anthony Mann, e *THE BIG SKY* (*CÉU ABERTO*), de Howard Hawks, ou os de Arthur Penn, Sydney Pollack e Clint Eastwood.

Quando estava a escrever o guião, dado sentir que a história era universal, imaginei alguém como Viggo Mortensen no papel de Daru, de forma abstracta, para me forçar, desde o início, a distanciar-me de uma mera exploração de um episódio da história de França. Ele é um actor



camaleão com múltiplas identidades e, na minha cabeça, perfeito em termos de intensidade e abordagem interiorizada. Sabia que ele falava espanhol fluentemente mas, na altura, não sabia que também falava francês.

Quando descobrimos isso, oferecemos-lhe o papel. Ele gostou do guião. Quando nos encontrámos, vi o personagem de Daru surgir perante os meus olhos. O francês dele é perfeito. As suas múltiplas identidades misturaram-se com a de Daru. E, para além das suas qualidades enquanto actor, ninguém seria capaz de transmitir a dimensão universal desta história e a sua filiação no *western* melhor do que ele.

Quanto ao papel de Mohamed, Reda Kateb estava ligado ao projecto há muito tempo. Se Viggo Mortensen teve de fazer um esforço considerável para aprender árabe, Reda Kateb teve de fazer um enorme trabalho de preparação, tanto físico como linguístico, para dominar o dialecto rural argelino do oeste dos planaltos e reproduzir o francês credível de um pastor que nunca foi à escola, o que ele preparou meticulosamente.

(...) A música foi composta por Nick Cave e Warren Ellis, com quem foi sensacional trabalhar. Tentaram sempre acompanhar o fluxo do filme e criaram uma banda sonora original que evolui, gradualmente, de uma atmosfera sombria e taciturna, no início, para peças mais melódicas, à medida que o lado íntimo vence o instinto de sobrevivência.

David Oelhoffen – Agosto de 2014

O REALIZADOR

David Oelhoffen nasceu em França. Realizou as curtas-metragens LE MUR (1996), BIG BANG (1997), EN MON ABSENCE (2001), ECHAFAUDAGES (2004) e SOUS LE BLEU (2004) e a longa-metragem NOS RETROUVAILLES (2007). LOIN DES HOMMES / LONGE DOS HOMENS (2014) é o seu último filme.





REVISTA DE IMPRENSA

LONGE DOS HOMENS

Time Out London – Cath Clarke

LONGE DOS HOMENS, do realizador francês David Oelhoffen – uma adaptação de um conto, *L'hôte*, do filósofo franco-argelino Albert Camus – é um *western* inteligente e de combustão lenta, com uma banda sonora atmosférica de Nick Cave e Warren Ellis e uma interpretação excepcional de Viggo Mortensen. (...) Mortensen faz o papel de Daru, um professor santo que trabalha na Argélia, em 1954, no começo da sua luta pela independência dos franceses. Daru ensina miúdos numa escola minúscula, no alto das montanhas do Atlas, mas este homem tem claramente mais qualquer coisa. O seu rosto curtido parece retirado das montanhas por trás da escola e sabe manejar uma arma quando soldados franceses lhe trazem um argelino local, Mohamed (Reda Kateb), que confessou ter morto um primo, numa discussão sobre trigo roubado. Sem mãos a medir com a luta contra os combatentes da liberdade argelinos, os soldados pedem a Daru para entregar Mohamed ao tribunal, que fica a um dia de viagem. Daru recusa, argumentando que estaria a levar o prisioneiro para a sua morte. Mas quando os soldados partem e Mohamed se recusa a fugir, ele não tem muita escolha.

Há cenas tensas, tendo como pano de fundo paisagens impressionantes, à medida que os dois homens dão de caras, primeiro, com um punhado vingativo de familiares de Mohamed a cavalo, depois, com um bando de guerrilheiros e, finalmente, com o exército francês. Filosoficamente, é uma adaptação cuidadosa, concluindo com o principal enigma existencialista: um homem, num cruzamento poeirento, a decidir entre a vida e a morte. Mas, na verdade, trata-se de um estudo de carácter, uma peça para dois actores interpretada com perícia por Mortensen e Kateb (mais conhecido pelo sensacional programa de televisão francês de polícias *Engrenages*). De início, Mohamed parece ser uma ruína de homem, passivo e patético. Mas, à medida que se começa a abrir a Daru, emerge o seu dilema complexo. Mortensen é sensacional. (...)

Fiel, não à letra, mas ao espírito de Albert Camus, do qual adapta um conto, *L'hôte*, o cineasta dirige os actores com uma delicadeza rara - **Télérama**

É, simplesmente, um grande *western* tradicional: a língua e os detalhes culturais podem ser diferentes, mas a elegância esparsa e os dilemas morais são familiares e tão sugestivos como sempre (...). *LONGE DOS HOMENS* é, de forma discreta, um filme grandioso e belo. - **Indiewire**

O que faz com que funcione é a eficiência solene com que o realizador David Oelhoffen conta a história e a intensidade silenciosa dos dois protagonistas: a ternura rude do olhar de Mortensen contrapõe-se bem ao comportamento conflituante de Kateb. - **New York Magazine**

Camus estabelece o rumo inicial do filme, mas Oelhoffen leva-o firmemente a bom porto com contexto político, análise histórica retrospectiva, um imperativo moral inequívoco e um par de interpretações bem emparelhadas. Dito de outra forma, apropria-se da história. - **New York Times**

França | 2014 | 110 min.

Distribuído por Alambique

